

João Viana Antunes ■ Pedro Baêre de Faria *

Aspectos diacrónicos de um espaço entre Goujoim e S. Martinho das Chãs (Armamar)

O concelho de Armamar, debruçado na margem sul do Douro, revela-se pródigo em vestígios arqueológicos cujas cronologias asseguram e dilatam a ocupação humana ao longo deste rio. Na parte meridional do concelho, através de uma prospekção sistemática que teve como eixo a estrada nº 1106, responsável pela ligação entre Goujoim e S. Martinho das Chãs, evidenciou-se um território onde pudemos detectar os restos de *habitats* pertencentes a um horizonte castrejo e à época romana, bem como um conjunto tumular medieval cavado na rocha (Fig. 1).

O Castro do Mogo também denominado Castro de Goujoim, ou Castro de Chão Velho (Armando, 1986), situa-se numa chã com cota máxima de 824 m, rodeada por um imponente afloramento rochoso de vertentes abruptas que emerge a poente de Goujoim. Esta posição confere ao *habitat* uma categoria algo peculiar dentro do que geralmente se aceita para um povoado da Idade do Ferro. Na realidade, a sua única entrada viável seria feita pelo lado meridional, através do declive menos acentuado que se encontra nesta espécie de muralha natural que cinge a plaina alongada no sentido norte-sul. A ocupação está, portanto, abrigada por uma coroa rochosa que, pela parte interna, se eleva de 10 a 20 metros, em média, em relação à parte habitacional. Esta crista – com cotas que oscilam entre 835, 840 e 850 m – substituiria eficazmente quaisquer arranjos artificiais de terrapleno, construção de muralha e abertura de fossos que habitualmente caracterizam um castro. Da mesma forma que proporcionava uma defesa de grande capacidade e fácil manutenção, subtraía o castro da paisagem, quase camuflando a sua localização e guardando-o do vento. Apesar disto, a defesa foi ainda otimizada pela adição de uma muralha erguida no topo deste «ane» rochoso, aumentando assim o grau de inacessibilidade e propiciando a vigia orientada para as chãs que rodeiam o povoado, bem como a parte mais vulnerável – a sua entrada localizada a sul.

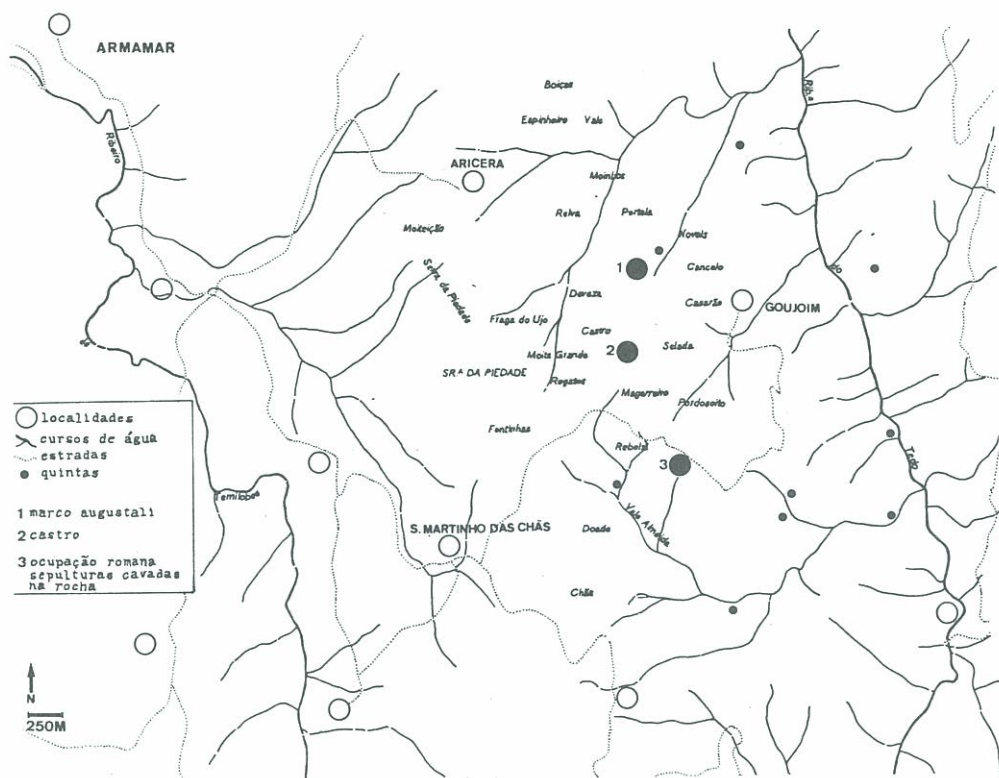


Fig. 1

No interior distinguem-se claramente dois espaços com funcionalidade diversa: um curral para o gado, abrigado a norte pelos morros pedregosos e delimitado a sul por um cercado e o sector habitacional que com ele partilharia paredes-meias a defesa proporcionada pelo pano de muralha construído na parte meridional da chã. De resto, era por este lado que conviria invulnerabilizar o mais possível o acesso ao povoado, uma vez que é aqui que existe a única falha na defesa granítica natural.

O desmantelamento das estruturas habitacionais ter-se-á dado aquando do aproveitamento deste espaço para fins agrícolas. Assim se explicam os amontoados de pedra na sua periferia, encostados às vertentes interiores da cratera rochosa. Actualmente, dado o denso e alto tapete de giestas que reveste o local, muito dificilmente se consegue vislumbrar mais do que esparsos fragmentos de cerâmica castreja característica da região, o que não quer dizer que os vestígios não se multipliquem e diversifiquem se a área vier a sofrer uma desmatização.

Dada a sua tipologia e localização geográfica, o povoado que viveu à sombra

protectora da Serra da Piedade estaria, certamente, vocacionado para uma actividade agro-pastoril, em cuja a criação de ovinos e caprinos desempenharia um papel fundamental na riqueza alimentar dos seus habitantes. Estes não desprezariam naturalmente a relativa fertilidade agrícola das pequenas chãs que rodeavam o *habitat* e controlariam facilmente os recursos disponibilizados por um território de 60 minutos que se estenderia para sul, em direcção à zona da Deveza, prolongado pelas leves vertentes que enquadram o actual vale Almeida.

Integrados na área potencialmente dominada pelo castro mas já pertencentes à freguesia de S. Martinho das Chãs, surgem vestígios inequívocos de uma ocupação romana. Esta, situada nos terrenos que hoje constituem a Quinta do Rebolal, tinha as condições necessárias para o desenvolvimento de uma actividade agrícola rentável. O local é hoje caracterizado pela sucessão de patamares amplos, voltados a sul, que, confinando com a referida estrada nº 1106 – à vista do castro – se estendem agricultados com vinha para junto do vale Almeida. O solo pedregoso, constituído por granito de grão grosso determinaria e direccionava a superfície arável para o sul, para mais perto do vale, ao passo que sugeria a localização da área habitacional perto dos afloramentos que despontam junto à estrada, com cotas que oscilam entre os 736 e os 748 m. É precisamente nesta zona relativamente plana, juncada de macieiras e castanheiros, abrigada do vento norte mas ao mesmo tempo arejada, que nos aparecem grandes blocos paralelepípedicos e rectangulares (Fig. 2), com o pico característico de época romana, indiciadores de

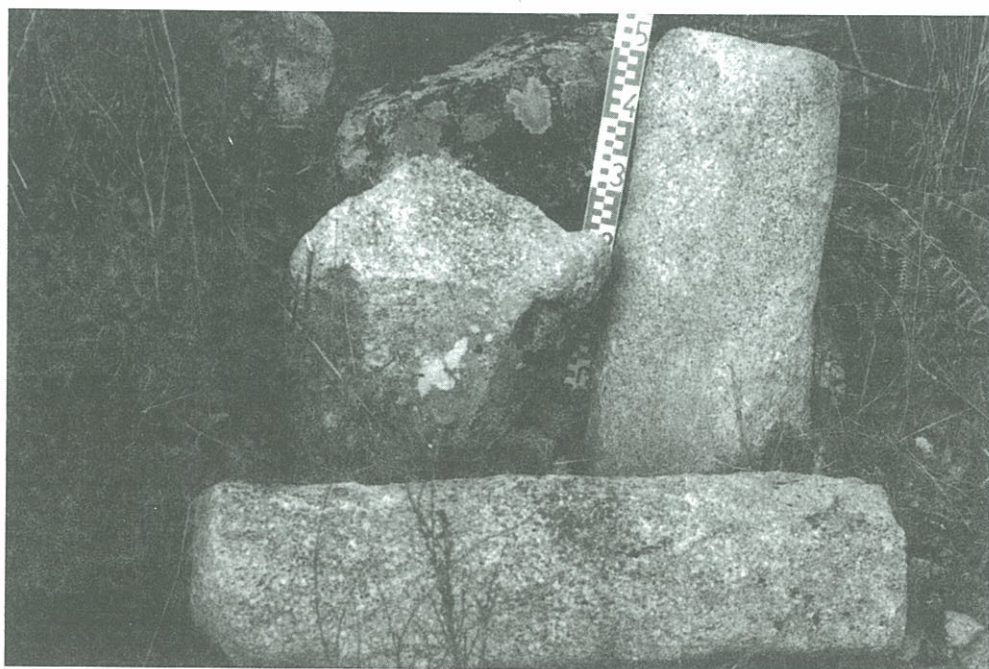
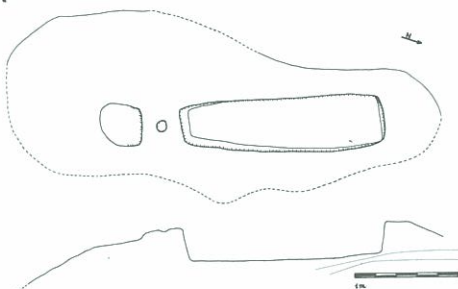
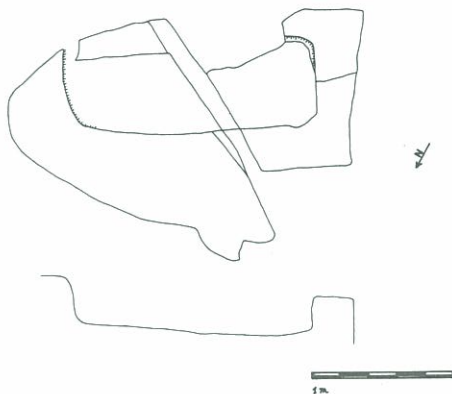


Fig. 2

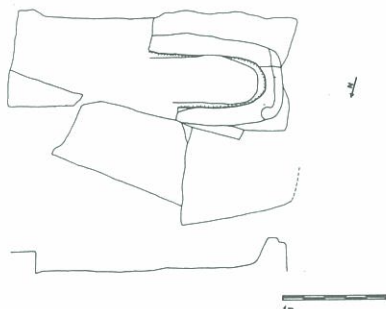
A



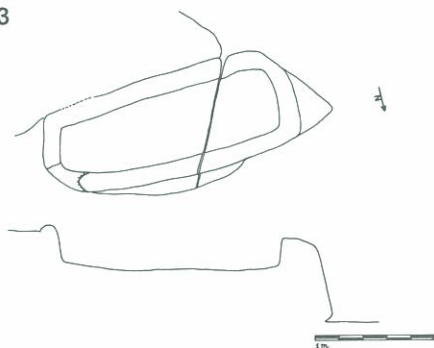
B2



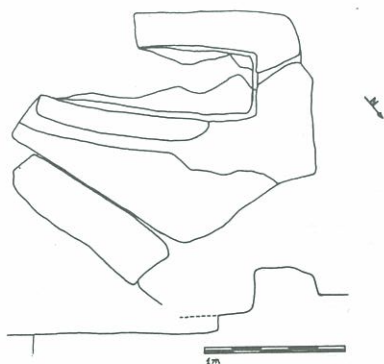
B1



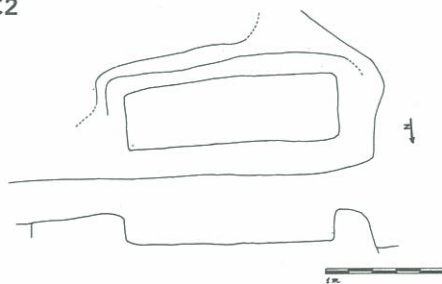
B3



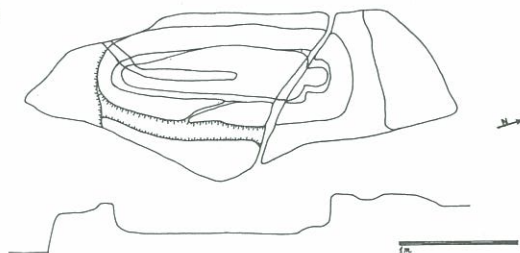
C1



C2



C3



- A. Núcleo 1
 B1. Núcleo 3
 B2. Núcleo 3
 B3. Núcleo 3
 C1. Núcleo 2
 C2. Núcleo 2
 C3. Núcleo 2

uma construção bastante sólida e de generosas dimensões. Além dos numerosos fragmentos de *tégulae* espalhados pela superfície do terreno foram detectados três fustes de coluna, de talhe algo grosseiro – não são perfeitamente circulares – cuja parte visível media em duas delas 1,90m e na terceira 0,70m (Fig. 2). Sabe-se ainda que terá aparecido um conjunto de moedas nas imediações, bem como a existência de cerâmica doméstica (Alarcão, 1986), mas a presente ausência de cerâmicas à superfície leva-nos a adoptar uma atitude cautelosa quanto à datação desta mais do que provável *villa* de época tardo-romana. Se equacionarmos o seu posicionamento em relação ao castro (do qual não se regista a presença de *tégula*), dada a sua proximidade, não nos repugnaria considerá-la a extensão cronológica e ocupacional de um território cujos habitantes, descendentes indígenas ou novos senhores, foram aproveitando ao longo do tempo, sob os auspícios de uma nova cultura, de um outro poder e de uma diversa organização territorial, com intuítos económicos determinados por uma política onde o *ager* se sobrepunha qualitativa e rentavelmente ao *mons*.

A questão de um hiato cronológico impeditivo de se poder afirmar com segurança – sem escavações – que estamos perante uma possível ocupação do Baixo Império é reforçada pela partilha que estes vestígios fazem do local com um outro tipo de achados: oito sepulturas escavadas na rocha, distribuídas por três núcleos. Efectivamente, neste ponto da investigação, poder-se-á aventar a hipótese de estarmos perante uma estrutura dos finais da época romana ou mesmo da Alta Idade Média, cujos ocupantes perpetuassem a ocupação de molde a serem os responsáveis pela formação da necrópole cuja tipologia sepulcral nos remete para a transição do ano mil. Esta referência estaria, eventualmente, mais adequada e poderia justificar os vestígios que sugerem um edifício mais sólido e funcional do que esteticamente relevante, embora nada impeça uma perfeita continuidade habitacional da qual reste a última fase. Em todo o caso existe algo que parece inquestionável e relega para plano secundário o problema da continuidade cronológica equívoca: a existência de uma ocupação que aproveitaria a magnífica exposição solar durante todo o ano, com água para o seu abastecimento e para a manutenção de uma actividade agrícola rentável. Os topónimos «Regatos», «Fontinhas», «Poços» e Quinta do Regato» presentes nas imediações são eloquentes quanto à abundância de água disponível, tal como «Pordosouto» o será como vestígio de uma parte integrante de qualquer assentamento agrícola, romano ou medieval: a área de souto.

Em relação à necrópole – inserida na mesma área onde afloram os granitos de grão grosso e onde aparecem disseminados os vestígios de época romana – esta encontra-se, mais precisamente, entre a estrada e o pequeno pomar de macieiras, numa zona coberta por um denso giestal, pontuado aqui e além por pinheiros e castanheiros.

O primeiro núcleo, o mais meridional, é constituído apenas por uma única sepultura (Est. A). Esta possui um formato trapezoidal e uma orientação Nor//Noroeste e Sul/Sudeste. Foi escavada num pequeno afloramento, não possui qualquer tipo de rebordo ou mesmo vestígios de tampa e o seu fundo apresenta uma inclinação propositada da cabeça para os pés. As suas dimensões são as seguintes:

- comprimento: 1,95m
- profundidade média: 0,35m
- larg. cabeça: 0,42m
- larg. pés: 0,35m
- larg. média: 0,53m

O segundo núcleo está situado a Nordeste do túmulo já descrito e é formado por quatro sepulturas, duas das quais foram já parcialmente destruídas. Com a numeração por nós atribuída permanecem quase intactas a C2 e a C3, restando a parte superior, fendida em dois pedaços, da C4 e faltando o rebordo lateral poente e parte do lado oposto da C1. As sepulturas deste núcleo foram concebidas numa laje granítica, aplanada que se encontra presentemente fracturada em vários pontos, atingindo inclusivé o denominado túmulo C3. Este último exemplar está rodeado por um largo sulco, responsável pelo realce do rebordo e destinado a impedir ou, pelo menos, a dificultar o escoamento das águas pluviais para o seu interior. Possui um formato trapezoidal e é de feição antropomórfica. Uma particularidade interessante é dada pela base de assentamento da cabeça, ligeiramente mais elevada – 0,06m – que o resto do corpo escavado. Está orientado no sentido Norte/Sul, com o fundo inclinado no sentido dos pés (onde foi cavado lateralmente um orifício de escoamento) e tem as seguintes medidas:

- comprimento: 1,86m
- profundidade média: 0,35m
- larg. cabeça: 0,48m
- larg. pés: 0,24m
- larg. média: 0,50m

A **sepultura C1** foi cavada numa rocha adjacente à anterior e está dela separada por uma quebra no granito. A sua parcial destruição fez desaparecer parte dos pés, do fundo e a metade inferior da parede poente. Tem uma orientação Noroeste/Sudeste, formato trapezoidal e está praticamente paralela à C3 deste núcleo. Apesar de não apresentar vestígios de antropomorfismo, possui um rebordo realçado pelo cavamento de um largo sulco – somente visível do lado direito – com a função de desviar as águas das chuvas. Pelo seu estado de degradação optamos por não apresentar quaisquer medidas. Estas tornar-se-iam irrelevantes para o conhecimento das suas reais e primitivas dimensões.

O **túmulo C2**, com uma orientação Nor/Nordeste-Sul/Sudoeste, foi cavado em sentido oposto aos demais. Está situado na parte central do afloramento aplanado, tendo à sua direita as sepulturas C1 e C3 e, à esquerda, a C4. Apresenta uma configuração sub-rectangular, com a caixa de paredes quase verticais. Encontra-se desprovido de quaisquer indícios de antropomorfismo, mesmo que incipiente, embora evidencie uma leve inclinação da cabeça para os pés. Exteriormente está provido com alguns sinais de rebordo, levemente vincado, com sulco para desvio das águas bem delimitado na parte lateral esquerda. Tem as seguintes medidas:

- comprimento: 1,80m
- profundidade média: 0,32m
- larg. cabeça: 0,58m
- larg. pés: 0,48m
- larg. média 0,58m

A **sepultura C4** é, juntamente com a C1, uma das mais afectadas deste núcleo, estando, inclusivamente, separada do afloramento e tombada de lado¹. Foi objecto de violações que lhe destruíram uma boa parte da parede poente e igualmente do lado oposto. Tudo parece indicar que o seu fundo fosse quase integralmente feito em terra. Está posicionada no sentido Norte/Sul, apresenta um formato trapezoidal, sem sinais de antropomorfismo e, na parte exterior da cabeceira, é notório o rebordo e o sulco de desvio e escoamento das águas. As suas dimensões aproximadas são as seguintes:

- comprimento: cerca de 1,70m
- profundidade: sem expressão real
- larg. cabeça: cerca de 0,54m
- larg. pés: cerca de 0,39m
- larg. média: cerca de 0,48m

O terceiro núcleo de sepulturas encontra-se a cerca de sessenta metros para Nor/Noroeste do segundo conjunto anteriormente descrito. Aproveita igualmente algumas das lajes graníticas que, junto à estrada, se encontram quase integralmente encobertas pelo alto e denso giestal. Neste conjunto de três sepulturas abertas na rocha, somente uma – a que leva a referência B3 – se pode considerar intacta. As restantes foram já parcialmente danificadas, estando uma delas, a B1, seriamente afectada desde os pés até meio da caixa. Das três, uma tem orientação Sudoeste/Nordeste e as duas restantes posicionam-se no sentido Nor/Noroeste-Sul/Sudeste, estando a cabeça voltada a Nor/Noroeste.

¹ O desenho deste túmulo, tendo em conta o seu estado actual, torna-se pouco pertinente para a compreensão do seu posicionamento e orientação. Por tal facto não é apresentado.

O **túmulo B1** está orientado no sentido Sudoeste/Nordeste e foi escavado num afloramento de configuração trapezoidal. O rebordo está muito bem vincado para o desvio eficaz da água das chuvas. Interiormente está inclinado para os pés, pese embora o facto da sua estrutura lateral ter desaparecido com a violação a que foi sujeito. As suas dimensões são as seguintes:

- comprimento: cerca de 1,70m
- profundidade média: 0,32m
- larg. cabeça: 0,44m
- larg. pés: sem expressão real
- larg. média: cerca de 0,50m

A **sepultura B2** encontra-se 4,50m a Norte da anterior. Tal como essa, sofreu igualmente os efeitos das depredações, pois falta-lhe a totalidade da parede nascente e uma boa parte do rebordo da parede oposta. O seu formato trapezoidal não apresenta sinais de antropomorfismo, evidenciando, contudo, a tradicional inclinação do fundo em direcção aos pés. Desconhecemos se teria sulco envolvente para escoamento das águas pluviais e está orientada no sentido Oeste/Este (com a cabeça para Oeste), apresentando as seguintes medidas:

- comprimento: 1,74m
- profundidade média: 0,40m
- larg. cabeça: 0,57m
- larg. pés: 0,42m
- larg. média: 0,54m

A **sepultura B3** é, como já se referiu, a única deste grupo que apresenta a caixa íntegra. De tendência sub-rectangular, a sua orientação é, tal como a anterior, de sentido Oeste/Este (cabeça voltada para Oeste), reflectindo o cavamento interno esse mesmo sentido. Ostenta o rebordo exterior bem evidenciado do lado direito e à cabeceira. No restante perímetro do túmulo o rebordo não existe, uma vez que a pedra acaba junto à caixa dando quase a ilusão de um sarcófago medieval. As suas dimensões são as seguintes:

- comprimento: 1,87m
- profundidade média: 0,36m
- larg. cabeça: 0,50m
- larg. pés: 0,36m
- larg. média: 0,60m

Considerando todos os núcleos em relação às orientações, a posição relativa dos sentidos fazem desta necrópole uma total anarquia, apresentando-se os enterramentos na eterna amnistia de quaisquer regras canónicas de sepultamento.

Esta necrópole não surge, à semelhança do conjunto já por nós estudado pertencente à Quinta da Relva de Baixo (Antunes e Baère, 1996), apoiada por quaisquer vestígios de igreja ou qualquer outro templo situado nas imediações. Não perfilhando as teses que sustentam a existência de necrópoles deste tipo, associadas a eremitérios ou a núcleos pré-paroquiais (Bolòs e Pagès, 1982), continuamos a adoptar a análise lúcida de Mário Barroca, segundo a qual os factores geográficos podem integrar os condicionalismos que levam uma paróquia a possuir vários locais de enterramento distanciados da sede eclesial e o facto das necrópoles poderem situar-se nas imediações de vias de comunicação². Deste modo, o último pressuposto ganha um certo relevo, dado que a necrópole está situada junto à actual estrada que liga S. Martinho das Chãs e Goujoim, caminho que serviu eventualmente os habitantes que, na medievalidade, arrotearam e aproveitaram os recursos do território delimitado a Nascente pela Ribeira do Tedo e a Poente pelo Ribeiro de Temilobos e por nós agora prospectado.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de – *Roman Portugal*. Porto, Bragança & Viseu: Aris & Phillips Ltd, 1988. Vol. II, Fasc. 1 p. 52.
- ANTUNES, J. e BAÈRE, P. – *Sepulturas cavadas na rocha: conjunto da Quinta da Relva de Baixo (Longroiva – Meda)*. «Douro, Estudos & Documentos». Porto: GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense), nº 1 (1996), p. 270-273.
- BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século X a XV)*. Porto: FLUP, 1987, p. 128-129 (policopiado).
- BOLÓS, J. e PAGÈS, M. – *Les sepultures excavades a la roca*. In «Necròpolis i Sepultures Medievales de Catalunya, Actas/Medievalies». Barcelona, 1982. ANNEX I, p. 59-103.
- COELHO, Armando – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986, p. 106.

² BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século X a XV)*. Porto: FLUP, p. 128-129 (policopiado).

